

Carolina por América Latina, América Latina por Carolina

Marcelle Leal

Você sabia que Carolina Maria de Jesus viajou para três países da América Latina? Pois é. Na década de 1960, a escritora de Sacramento representou a Literatura Brasileira na Argentina, no Uruguai e no Chile e a visita teve uma cobertura midiática ampla. Durante a turnê, ela cumpriu uma agenda oficial de entrevistas, sessões de autógrafos, presenças em eventos, encontro com personalidades locais, entre outros compromissos, mas também teve um tempinho para conhecer um pouco mais sobre as cidades onde esteve seus povos e culturas. Os detalhes sobre a trajetória estão nos arquivos de cada um desses lugares e num texto intitulado *Diario de viaje* publicado como apêndice do livro *Casa de ladrillos*, tradução para o espanhol de Casa de Alvenaria por Beatriz Broide pela editora Abraxas, cuja autoria é atribuída à escritora. Embora os pesquisadores ainda não tenham acesso aos originais, algumas pistas encontradas nas matérias de jornais e uma análise do estilo adotado nos escritos indicam que provavelmente se trata de mais uma produção carolineana. Além disso, muitos eventos narrados no texto correspondem ao que se encontra registrado na mídia. Por isso, ao mencioná-lo, vamos considerar que se trata de um texto de sua autoria. Quer saber sobre essa história? Continue a leitura e desbrave as trilhas do cone sul junto com uma das escritoras mais ilustres do Brasil.

No fim do ano de 1961 e início de 1962, Carolina Maria de Jesus protagoniza uma série de atividades no exterior. Inicialmente, dedica-se à divulgação de Quarto de despejo que, diante do sucesso de vendas no país, é lançado em língua espanhola e se torna acessível ao público hispanofalante. Depois, em janeiro de 1962, retorna ao Chile para participar como convidada da *Escuela Internacional de Verano de Concepción*, onde profere o discurso “O

Brasil precisa de outra independência". Vamos acompanhar alguns episódios do percurso a partir dos locais de viagem, respectivamente, Argentina, Uruguai e Chile com o fim de concentrar as informações, uma vez que a ordem cronológica impossibilitaria tal junção dos fatos. Vale assinalar que digo *alguns episódios* porque a quantidade de informações coletadas ao remontar os eventos é abundante, então, uma seleção foi fundamental. Além disso, antes de embarcar, é importante destacar que, aqui, a abordagem dos eventos está elaborada a partir de três pontos de vista: um apresentado no diário em primeira pessoa, outro por jornalistas através de informações contidas nos impressos da época e um terceiro através da edição da autora desse texto, já que se acredita que toda narrativa é permeada pela perspectiva de quem conta. Desta forma, propicia-se um enquadramento amplo dos acontecimentos e o leitor pode (re)interpretá-los por diversos prismas. Feitas as devidas considerações e sem mais delongas, bora pra viagem!

No dia 15 de novembro de 1961, Carolina Maria de Jesus desembarca na Argentina pela primeira vez. Antes mesmo do avião aterrissar, ela fica encantada com o Rio da Prata que, segundo inscrição no *Diario de viaje*, é fabuloso e a faz lembrar do livro que leu na geografia. Entre admiradores, jornalistas e anfitriões, estabelece os primeiros contatos e destaca a confusão de idiomas porque algumas pessoas falam português e outras espanhol. Porém, sua habilidade social junto com o apoio de intérpretes facilitam o trânsito e a comunicação tanto com a mídia quanto com as personalidades artísticas e os populares que a abordam em distintas partes do país, afinal, a viagem não se limita aos domínios de Buenos Aires. As cidades de Rosário e Mendoza fazem parte do circuito de divulgação e, devido a um problema no avião em meio ao deslocamento, acaba conhecendo um pouquinho de Córdoba também. É interessante destacar que esse é um movimento comum na trajetória internacional da escritora, pois, apesar do cronograma apertado, dedica parte do tempo para

visitar os locais para além das capitais e conhecer seus espaços mais periféricos, como favelas, orfanatos e os bairros mais pobres.

No primeiro contato, a paciência da autora diante do turbilhão de perguntas e fotografias e a segurança em suas falas chamam a atenção da imprensa. O jornal *Clarín* expressa a vida interior intensa que é possível ver por seus olhos e *El Mundo* destaca a rapidez de resposta sem perder a linha de raciocínio em meio a tanta agitação e a consciência que tem sobre seu papel social. É interessante porque um evento descrito no relato comprova a última afirmação. Mesmo sob o impacto do sucesso internacional, a visão arguta da intelectual periférica está atento e começa uma procura pelo povo negro que começa no aeroporto, estende-se ao longo do relato e culmina no questionamento a um de seus editores sobre o aspecto racial no país, posto que não vê pessoas negras nos locais. Diante do incômodo em relação à resposta de que lá tinham poucos negros e não havia preconceitos, ela cria hipóteses para justificar o moncolorismo acentuado por onde passa. O entrelaçar do olhar da viajante com o da intelectual é frequente, por isso, assim como em *Quarto de despejo*, mesmo diante das alegrias da viagem e do reconhecimento público, o leitor é constantemente convidado a fincar os pés no chão de uma realidade dura e áspera. Isto é, por mais que compartilhe as descobertas do encontro com o novo e o entusiasmo diante do alcance de seus escritos, a narrativa é atravessada por observações rigorosas sobre os problemas que encontra.

A pesquisa sobre a turnê torna-se um convite para desbravar os locais em sua companhia. Na capital federal, fica hospedada no Hotel Lyon, onde recebe parte da mídia e alguns artistas. No quarto 407, descrito como bonito e confortável, expressa a sensação de se sentir como uma rainha. Entre um compromisso e outro, conhece um pouco de Buenos Aires e menciona a geografia plana, a comida saborosa (especialmente o sabor da carne), a inteligência da população e seu apreço pela cultura. O bem-estar que sente é comprovado por inúmeros elogios da autora ao país e ao seu povo, assim como uma menção saudosa à Argentina cada

vez que está em outro lugar. Em *Diario de viaje*, encontram-se menções diretas de alguns locais onde esteve, como a Avenida 9 de julho, um restaurante na rua Carlos Pellegrini, a Livraria *Atlántida*, na rua Florida, o bairro de Palermo e uma favela para a qual levou café com o fim de distribuir para os moradores. Lá ela pôde conhecer um pouco da realidade de uma *villa* portenha, conversar com moradores e estabelecer comparações com a experiência brasileira, pois como afirma no relato de viagem, Brasil e Argentina compartilham as mesmas questões, como os problemas de moradia.

A busca nos arquivos das cidades e o acesso aos jornais da época permitem ampliar o conhecimento sobre os fatos. Sobre o último evento, por exemplo, o *El Mundo* dedica uma matéria de página inteira assinada por Haydée M. Jofre Barroso intitulada, *La Crónica Viva: Cuando Mueren las Palabras*. Entre as fotos que a ilustram, chama atenção uma na qual Carolina Maria de Jesus aparece fazendo anotações durante a visita. Essa é mais uma evidência de que o conteúdo publicado no apêndice de *Casa de ladrillos* corresponde total ou parcialmente aos escritos da autora durante a turnê. O texto jornalístico dedica-se, em grande parte, à transcrição de suas falas que, em termos comparativos, equivalem-se às do diário. Ilustra-se com a passagem na qual chama a atenção para a questão do acesso à água. No diário destaca a reclamação das mulheres argentinas sobre a escassez de água nas *villas* e numa passagem citada por *El Mundo* lembra que, na favela onde morou, o item básico nem chegava nas casas. Além disso, há uma menção no relato sobre um senhor que vive em um barco porque seu barraco foi destruído pelo fogo e, na publicação, Barroso diz que ela visitou uma família que vivia numa lancha.

A passagem pela favela é repleta de afetos e afetações. Entende-se que, no local, Carolina Maria de Jesus desvela a América Latina em suas semelhanças e diferenças a partir de sua base social, possibilita a construção de saídas coletivas de

problemas estruturais e promove o reconhecimento da energia e potência de seu povo. Destaco mais uma fala da escritora para o noticiário em questão que retraduzo ao português: “Que bom estar de novo com minha gente, entre essa gente boa! E como eu me entendo fácil com eles... ainda que não falem português e eu não entenda o castelhano”. Nas entrevistas que concede, a preocupação em expor os problemas sociais de ambos os países e a apresentação de resoluções necessárias são notórias. Os temas como a fome, o custo de vida alto e as questões de moradia são recorrentes, pois sua experiência como moradora do campo e da favela permite identifica-las empiricamente, assim como elencar medidas que viabilizariam a mudança de cenário na prática. Na verdade, grande parte da mídia quer as opiniões da intelectual brasileira sobre aspectos sociais e políticos e ela não se intimida diante da possibilidade de visibilizar os desafios mais latentes do Brasil e de seus vizinhos. Conforme declaração presente em *Diário de viagem* após uma reflexão sobre analfabetismo e a presença negra na Argentina: “Essas são verdades que os escritores das Academias veem, mas não têm coragem de dizer. Foi preciso que uma escritora de pele preta que surgiu dos lixões precise dizê-lo”. Finaliza dizendo que, assim, ela vai ganhando amigos e inimigos.

Mais adiante, comprova-se que a conclusão é verdadeira, pois, consoante ao exposto, quando avisa seus editores na Francisco Alves sobre a chegada no Brasil é tratada com hostilidade por dizer na Argentina que existe fome no país. Isto é, apesar dos riscos que implica, Carolina Maria de Jesus mantém o comprometimento com a coletividade de trazer à tona as demandas da população mais pobre, aquela que está relegada ao quarto de despejo da região. Desta forma, exemplifica, ainda em meados do século XX, a declaração pública de Angela Davis na Bahia, em 2017, de que é preciso atentar-se aos ensinamentos dos feminismos negros brasileiros. Já naquele momento, torna-se evidente a importância do deslocamento de intelectuais periféricas comprometidas com a justiça social pelo Sul Global para que se exponham os problemas estruturais que se implementam e

atualizam desde a invasão dos europeus, amplifiquem os diálogos entre suas bases e encontrem soluções coletivas embasados em suas potências para as demandas respeitando a diversidade de suas comunidades. A prática carolineana é uma comprovação do que será traduzido anos depois por Davis em território baiano de que quando a mulher negra se movimenta, toda a estrutura da sociedade se movimenta com ela.

Porém, como dissemos, a viagem pela Argentina se estende para além de Buenos Aires. Na província de Santa Fé, divulga o livro em Rosário onde é recebida pelo vice-cônsul do Brasil, a senhorita Marta Casablanca e o Sr. Arnoldo Ross, que a acompanha em diversos compromissos e eventos e é dono da livraria Ross, onde ela realiza mais de uma sessão de autógrafos. No roteiro de viagem, também consta a visita aos jornais locais – que cobrem o evento – a um orfanato, à Biblioteca e a *El Hornero*, onde recebe a *Orden del Tornillo* pelas mãos do pintor rosarino Mario Guaragna. Vale fazer aqui uma referência mais minuciosa à homenagem. Idealizada por Benito Quinquela Martín, um artista oriundo da classe trabalhadora do bairro argentino de La Boca, a condecoração se destina a personalidades que tenham deixado um legado humanitário através de suas produções. Como um contraponto humorístico ao glamour das premiações oficiais, entrega-se um parafuso, *El Tornillo*, ao homenageado para que reponha aquele que falta em sua cabeça. No entanto, sugere que não se aperte muito para que haja a preservação do que ele designa como “loucura luminosa”, fundamental para a produção de obras que visem ao bem comunitário¹. A cerimônia de entrega ocorre em uma festa composta por alegria e abundância de comida. No rito de Carolina, Benito Quinquela não estava presente, mas foi representado pelo pintor Mario Guaragna. Sobre a festa, ela manifesta gratidão, registra a presença de 3000 pessoas e diz que houve vários discursos e que pôde cantar “Estava na peneira”.

¹ Mais informações em REY, Pablo José. De Arte y Locura: La Boca de Quinquela. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Asociación Civil Rumbo Sur, 2018. Disponível em: https://issuu.com/rumbosurong/docs/de_arte_y_locura

Os dois principais jornais de Rosário não só cobrem a passagem da autora pela cidade, mas também a recebem em suas dependências. Ambos fazem uma nota de apresentação antes de sua chegada e publicam matérias de destaque com um registro fotográfico da presença junto aos diretores e convidados. Também transcrevem partes das entrevistas que concede a cada um, nas quais trata de aspectos sociais e literários. Por sua vez, em *Diario de viaje*, observa-se uma narrativa afetiva durante o percurso de Rosário. Há menção ao sucesso de público nos eventos para a assinatura de livros e uma recepção acolhedora dos moradores da cidade. Os elogios diversos à beleza dos rosarinos, descritos como semelhantes aos gregos, e a elegância de suas vestimentas, apresentados como bem passadas, são realçados. Ao final do relato, uma frase resume o bem-estar diante do vivido quando diz que sempre se lembrará de sua visita a Rosário.

No trabalho de campo para a realização da pesquisa de sistematização dos arquivos da viagem, tive a oportunidade de estabelecer um diálogo entre o passado e presente da experiência rosarina. Realizei uma entrevista com Silvina Ross, filha do editor já falecido, que relata a perda de muitas memórias físicas do estabelecimento devido a um incêndio. No entanto, relembra a imagem do abraço do pai com a escritora cujo contraste advinha do encontro de uma pele muito negra e de outra muito branca. Ainda que fosse criança, é uma testemunha viva dos acontecimentos cujos registros estão majoritariamente nos arquivos da cidade. Ademais, a visita às dependências do jornal *La Capital*, graças a ajuda da funcionária Susana R. Grimaldi e dos funcionários do arquivo da instituição, possibilitou remontar o passeio que a escritora fez na época com a presença dos objetos presentes nos registros arquivísticos graças à preservação do patrimônio. Também ressalto a existência do exemplar assinado pela escritora na *Biblioteca Argentina Dr. Juan Álvarez* destinado à instituição. Esses elementos demonstram a importância do investimento na conservação dos arquivos materiais e imateriais

latino-americanos. Após séculos vivendo sob os escombros de um passado destruído, temos a oportunidade de dar forma a histórias possíveis, não mais aos moldes daqueles que vivem à sombra de um modelo europeu, mas a partir do povo que a (re)constrói por suas mãos, feitos, ideias e lembranças.

Após narrativas extensas sobre a presença da autora em Buenos Aires e Rosário, segue-se um trecho mais curto referente à Córdoba. A cidade não faz parte da rota de divulgação inicial de *Quarto de despejo*, mas, de acordo com o *Diário de viagem*, uma falha no avião faz com que Carolina Maria de Jesus passe algum tempo no local à espera da reprogramação do voo. Ainda que a estadia tenha sido breve, Carolina Maria de Jesus, com sua curiosidade diante do novo, anima-se a fazer um passeio. Diferente dos demais passageiros que, segundo o relato só reclamavam, ela faz uma caminhada para explorar os arredores apesar da preocupação. A praça *San Martín*, uma igreja e um jardim constam na descrição da trajetória, assim como o luxo da cidade e as construções de pedra. Há uma alusão ao encontro com alguns brasileiros e alguns eventos no hotel, como a apresentação musical de uma jovem do grupo no piano do estabelecimento. Após avisar o ocorrido aos editores, segue viagem no dia seguinte rumo à Mendoza.

O último destino em terras argentinas dá prosseguimento à série de compromissos que corroboram o sucesso da obra no país. Recepcionada por Nemesia Araujo, proprietária da livraria *La Argentina*, Carolina Maria de Jesus faz um passeio breve pela cidade e já começa a atender a imprensa. É entrevistada pelo jornal *Los Andes* e o jornalista assinala na publicação que o diálogo se realiza sem intermédio de intérpretes e que a autora o entende e se faz entender com rapidez. Apesar de mais uma vez tratar do passado na favela, essa abordagem jornalística é mais generosa em termos biográficos, pois oferece ao leitor detalhes sobre o âmbito familiar da escritora. Intitulada “Carolina Maria de Jesus já se encontra em nossa cidade”, aqui retraduzida, a matéria revela o desejo de sua mãe de que fosse professora, apesar das

necessidades da vida não ter permitido seguir esse caminho, a declaração de que não se lembra de outros parentes que tenham se dedicado à escrita, mas que recorda das falas da sua mãe em versos embora ela fosse analfabeta. O acolhimento continua no tratamento do sucesso de *Quarto de despejo* e de suas outras composições. É uma publicação que abre espaço para Carolina falar para além do livro em lançamento e, por isso, ela cita as composições musicais e os escritos de viagem. Ademais, expressa que está conhecendo a América e que em suas andanças percebe a pobreza compartilhada pela região. Contudo, como já dissemos em linhas anteriores, suas críticas vêm acompanhadas de proposições. Aqui, ela diz que se o pobre for estimulado, ele conseguirá uma união ampla. É evidente a consideração da coletividade para a saída da pobreza no continente.

Além dos compromissos midiáticos, os dias em Mendoza são dedicados à recepção de leitores e assinatura de livros na livraria *La Argentina*. Tanto no relato de viagem quanto nos jornais registra-se o sucesso de público em terras mendocinas. No primeiro, menciona-se que são dados 233 autógrafos, no segundo, ainda no rastro do Los Andes, mas aqui se trata da edição datada de 19 de dezembro de 1961, diz-se que a livraria presencia um acontecimento raro ao receber uma quantidade expressiva de pessoas para conhecê-la e adquirir o livro. Embora estivesse preocupada com o atraso na chegada de exemplares, tudo dá certo e ela pode receber os leitores com tranquilidade. No dia seguinte, o jornal também menciona que a pintora Lin Cho, de passagem pela cidade, faz um retrato de Carolina Maria de Jesus durante o evento. O alcance de sua presença gera um estranhamento na imprensa que se surpreende com o interesse popular por suas palavras. Considerando o mencionado, compreende-se que a viagem é exitosa em termos da divulgação do livro e da atenção a seus leitores.

Contudo, assim como nos outros destinos, a agenda cheia não impede que ela conheça um pouco mais do local e da população. A praça San Martín é visitada mais de uma vez,

principalmente porque está próxima ao *Plaza Hotel*, onde se hospeda. Também conhece o museu histórico, almoça no restaurante *Mi casa* e vai ao monumento dedicado à fraternidade. A anfitriã também a recebe em sua casa, além de oferecer uma festa em sua homenagem. Como já tradicional, uma favela é incluída no trajeto: Villa Nylon. Ela assinala a tristeza que encontra e a quantidade de crianças presentes nas áreas de maior carência financeira e infraestrutural da cidade. No entanto, segundo seu olhar, diferente daqueles que estão nos grandes centros, as pessoas com poucos recursos monetários têm uma vida melhor no interior e, mais uma vez, coloca o dedo na ferida ao tratar do alto custo de vida como uma das causas que relega parte da população à pobreza. Verifica-se que a preocupação com as condições de vida das populações que compõem a base da sociedade é uma constante em seus dias.

Mendoza é a última cidade em nossa rota pela Argentina. Conforme se observa, os dias da autora no país é repleto de reconhecimento, apresentação de suas produções, exposição de ideias, sessão de autógrafos, entrevistas, análises sobre a situação socioeconômica tanto do Brasil como a do país vizinho, passeios, registros fotográficos, encontros e afetos. É preciso dizer que, apesar da estadia agradável, também é evidente ao longo da narrativa episódios de racismo tanto de transeuntes quanto da própria imprensa. Diante dos episódios, Carolina Maria de Jesus é enérgica, como na situação vivenciada no avião que a leva pela primeira vez para Buenos Aires no qual um homem diz que eles terão o prazer de viajar com uma neguinha e autora relata que responde a insolência do alemão com um olhar duro e frio. Às vezes, ela tenta dialogar, como faz com uma criança em Mendoza que a questiona se não há sabão em seu país e, em outras, busca ressignificar os fatos, como os olhares que recebe em Córdoba e a leva a afirmar que tinha a impressão de estar recebendo uma homenagem.

À luz do que se apresenta, verifica-se que ela cria estratégias para manter o protagonismo da viagem em si através de suas

impressões, criações e ideias. Não permite que as opressões ganhem mais destaque do que as descobertas, trocas e contribuições. Deste modo, elucida o trecho da música composta por Antonio Carlos Belchior, Leandro Roque De Oliveira, Felipe Adorno Vassao, Eduardo Dos Santos Balbino e interpretada por Emicida, Majur e Pablo Vittar com um sample de Belchior na qual se diz: “Permita que eu fale/ Não as minhas cicatrizes/ Elas são coadjuvantes/ Não, melhor, figurantes/ Que nem devia tá aqui”. Portanto, não termino com os problemas, mas com o apreço da autora pelo país e desembarco desse primeiro trajeto com uma frase de Carolina Maria de Jesus para o jornal *La Tribuna*, de Rosario, na qual afirma que se tivesse que adotar uma outra pátria, seria a Argentina e que ela gostaria de morar lá.

Concluída a primeira etapa, nosso próximo destino é o Uruguai. Se você acha que já acompanhou o auge da viagem latino-americana de Carolina Maria de Jesus, não sabe o que te espera nos próximos parágrafos. Apesar de uma estadia efêmera, a passagem pelo Uruguai é repleta de vivências extraordinárias. Inclusive, uma das fotografias associadas à turnê com maior divulgação na atualidade é a da autora diante de um avião que a leva ao país. Realizada no mês de dezembro de 1961, inclui no roteiro as cidades de Montevideú e Salto. Mais uma vez, observa-se o sucesso da intelectual por onde passa e o alcance internacional de sua obra, tanto em termos da obra física quanto dos conteúdos, discussões e estética. O fenômeno carolineano ultrapassa as barreiras do Brasil e demonstra que, quando a América Latina se gesta e se pare a partir dos sujeitos periféricos que a compõem, uma outra ordem mais democrática, inclusiva e diversa é semeada. Então, bora embarcar rumo à aventura uruguaia.

De acordo com as inscrições do *Diário de viagem*, Carolina Maria de Jesus é recepcionada pela tradutora e por Sr. Medina, da Editora Medina, que se ocupa dos detalhes da jornada da escritora brasileira pelo país. Hospeda-se no Hotel Lancaster e, poucas horas depois, já cumpre a agenda profissional. Entre as perguntas de cunho social e literário, afirma a facilidade para escrever contos,

poesias, provérbios e romance dizendo que se tiver oportunidade, irá publicá-los também. Fica manifesto o desejo de que gostaria que o público tivesse acesso às demais produções, principalmente porque, desde a Argentina, ela se empenha em divulgar as composições poéticas, por exemplo. É comum que os jornalistas mencionem a palhinha de seus versos musicados ou não ao longo das entrevistas, o que demonstra a vontade de compartilhá-los com leitores e ouvintes. As investidas dos pesquisadores, das editoras e dos interessados na preservação e difusão de suas ideias nos últimos anos em apresentá-la para além de Quarto de despejo são consideradas importantes no movimento de acolher um interesse em relação à própria memória que ela expressa ainda em vida.

Os elogios ao país, à cultura e ao povo são frequentes. Ela fica impressionada com a limpeza das ruas, o sabor da comida e com uruguaios, descritos como cultos, elegantes e amáveis. Diferente da Argentina, onde se questiona frequentemente sobre a ausência de pessoas pretas, no Uruguai destaca a presença dos negros comprando seus livros, admirando-a e sorrindo. Porém, o contato não se restringe às sessões de autógrafo. Carolina Maria de Jesus visita um bairro negro onde a recebem com uma faixa de boas-vindas e com tambores, isto é, possivelmente chega ao som do candombe. A beleza das mulheres e meninas negras chamam sua atenção, um deputado a recebe e faz um discurso sobre as injustiças sociais num local que está citado no diário como *Club Social Deportivo* e ela declama seus poemas para os presentes. Além disso, ela é tema de uma matéria da revista vinculada à Sociedade de Amigos da África. A relação explícita com a comunidade negra é exclusiva dessa parte da turnê internacional.

Outro aspecto relevante diz respeito ao contato que estabelece com Victor Haedo, presidente do Conselho Nacional do Governo. Noticiado nos jornais e apresentado no relato de viagem, o encontro ocorre de maneira aproximada e amistosa. Inclusive ela é convidada e o acompanha em um ato patriótico na cidade de Salto. No relato, há descrições sobre os diálogos que eles mantêm

ao longo do trajeto e Carolina Maria de Jesus demonstra estima pelo político uruguaio. Ela tenta puxar assuntos sobre economia e a presença de escolta armada nos deslocamentos, mas diante do desconforto do interlocutor, muda a temática. Posteriormente, dedica-se às próprias reflexões, como a relevância do homem trabalhar a terra, diante da grandiosidade que observa do avião, e o temor diante das armas dos homens da segurança, assinalando que o revólver deveria ser chamado de Secretario da Morte. Já durante o evento, ela é saudada e, através de sua figura, o representante do governo presta uma homenagem pública às mulheres da América que, segundo ele, sofrem constituindo a esperança do futuro. Em *Diario de viaje*, encontram-se impressões mais pessoais da autora referentes ao ato e o contato com as águas termais da região. A forte chuva do dia faz com que haja um atraso no retorno à Montevideu, o que alonga o contato entre ambos.

A imprensa assinala com curiosidade a caderneta que ela leva a todos os lugares que visita para fazer anotações. Reitera-se, aqui, de novo, a possibilidade de que os escritos se refiram realmente às palavras carolineanas, pois, de acordo com os jornalistas, ela toma nota de tudo o que observa. O olhar crítico segue compenetrado nos aspectos socio-econômicos uruguaios. O jornal *El bien público* descreve a emoção que expressa diante dos materiais de catadores, aproxima-se compartilhando que aquela fora sua realidade e o interesse que a faz questionar sobre o valor que recebem pelo quilo de papel. Também escreve em seu relato a extensão territorial uruguaia e a abundância de terras férteis abandonadas, apesar da constante afirmação dos moradores de que se trata de um país pequeno. Ademais, não poupa críticas à própria nação, denunciando o custo de vida elevado, a inflação e o sofrimento da classe operária brasileira. De alguma maneira, ela sabe a visibilidade de sua voz e a possibilidade de que seja ouvida por quem tem acesso aos que dirigem o Brasil, principalmente porque profere as reclamações ao lado de uma figura de poder importante do país vizinho.

Verifica-se, ao longo da estadia de Carolina Maria de Jesus no Uruguai, há uma ênfase no viés político da trajetória. Embora tenha cumprido uma agenda literária, a participação no evento em Salto e o atraso no retorno à capital fazem com que passe mais tempo do que o previsto na região noroeste. Ainda assim, os passos da escritora pelo país confirmam seu êxito literário e o acolhimento popular, principalmente dos afro-uruguaios. Também se nota uma intensificação da atividade poética da escritora no país e os versos estão expressos no relato de viagem e na imprensa. Destaco aqui um poema publicado pelo jornal *El bien público*, de 15 de dezembro de 1961, em espanhol, uma vez que ainda não temos acesso ao original: “Negra, aún cuando triunfes/ el que se descubra/ se convertirá de descubridor en perseguidor, y continuarás siendo dominada...”. Conforme se vê, a questão da negritude também ganha ênfase, pois demonstra a consciência das dificuldades implicadas no fato de ser uma intelectual negra, ainda quando se tem sucesso.

Embora menos entusiasta do que no primeiro destino, Carolina Maria de Jesus demonstra apreço pelos dias vividos em território uruguaio. Vale lembrar que, por mais que corresponda a um reconhecimento explícito do êxito de *Quarto de despejo*, a jornada contínua de deslocamentos, atenção ao público e cumprimento de compromissos vai desgastando a escritora. O semblante nas fotos dos jornais dá indícios de certa fadiga, mas isso não afeta a vitalidade de seu discurso. No Chile, terceiro e último país contemplado pela turnê oficial, a viagem começa com elogios à paisagem das cordilheiras. Assim como dito sobre o Rio da Prata, ela as associa ao conteúdo presente em um livro de geografia que já tinha lido. Contudo, as experiências imediatas de racismo e machismo ainda no aeroporto prenunciam outros problemas que vivenciará mais adiante em Santiago, mas antes de entrar na parte mais dolorida da turnê, vamos nos concentrar nas primeiras descobertas da autora sobre o país.

Carolina afirma estar ansiosa para percorrer as terras chilenas e se hospeda no *Hotel Crillón*, descrito como um local

bonito e com camareiras gentis. A amabilidade do povo e a forma simpática do sotaque da região são ressaltadas na narrativa do diário. Como de costume, ela chega cumprindo a agenda de encontros e entrevistas. Inicialmente, vai à embaixada almoçar com um dos funcionários consulares responsáveis pela área cultural. Depois, concede entrevistas a jornalistas brasileiros e chilenos. Neste momento, expõe os primeiros sinais de esgotamento, pois revela que não lembra o que respondeu por causa do sono que sentia. Vale lembrar que tratamos aqui de dias que antecedem o Natal de 1961, um ano intenso no qual ela dedica boa parte do tempo à agenda de atividades que envolvem a divulgação do livro e o contato com leitores. Embora satisfeita com a repercussão e a realização de desejos antigos, as dimensões física e emocional mostram certa debilidade e afetam direta ou indiretamente as interações e impressões. Ela chega a reclamar da vida em um quarto de hotel e afirmar que construiu a própria tumba ao publicar o livro.

Os comentários de desagrado se misturam com pequenos prazeres. O contato com o público reaviva o ânimo da escritora, como os momentos quando assina livros na Livraria *Orbe* e participa de atividades com escritores chilenos. Os passeios pela cidade também a reenergizam. No relato, escreve sobre a ida à gruta San Cristóbal onde descreve a vista como magnífica, elogia as ruas, as praças, os edifícios e os jardins. A floração sobre as serras e a iluminação nas vias, lembro aqui que era período natalino, também são focos de sua atenção. Todavia, mais uma vez, a acuidade intelectual vem à tona e direciona o leitor à realidade vivida pelos mais pobres. Assinala que, apesar de Santiago parecer rica, há uma quantidade notória de pessoas pedindo esmola pelas ruas e sugere que o Chile construa uma escola grande para acolher as crianças mais pobres. Durante a visita a uma *callampa*, favela chilena, volta a denunciar o alto custo de vida, problema compartilhado entre seu país e aqueles aos quais visita. A análise comparativa está inscrita no diário quando afirma que os

problemas são os mesmos presentes nas favelas do Brasil e da Argentina.

Ela participa de algumas recepções privadas ao logo da estadia, mas os encontros de acolhimento, acabam se transformando em experiências de opressão veladas ou explícitas. O primeiro evento ocorre na casa de um amigo do funcionário consular no qual a anfitriã não a recebe, não se aproxima, tampouco a leva à porta na despedida. Por sua vez, o dono, envergonhado da atitude, pede desculpas e a leva ao hotel. O segundo ocorre numa reunião de escritores na casa de Rubén Azocar no qual Benjamín Subercaseaux se dirige à autora para dizer que ela pode ir como turista ao Chile, mas para que não pense em viver no país porque os chilenos não gostam de negros, judeus e de sírios. O encantamento vivido, até então, com a beleza da casa e a gentileza do anfitrião, transforma-se em uma tristeza profunda. Carolina Maria de Jesus fica impactada com a fala, começa a sentir frio, fica enjoada e chora. Os episódios de racismo, classismo e machismo são frequentes na passagem da autora em território chileno. Desde os taxistas até alguns jornalistas criticam sua maternidade solo e a escolha de ser uma mulher solteira, ademais, dizem que Carolina não tem educação, por isso, apesar das alegrias da viajante, do prazer de conceder entrevistas e autografar livros, o trajeto chileno é marcado por contrastes.

É interessante que, apesar do desejo de voltar ao Brasil e a preocupação com os filhos devido ao afastamento pelas demandas laborais, há uma reiteração, principalmente ao longo da estadia chilena, da saudade que sente da Argentina. Fica evidente para o leitor a estima pelo primeiro destino internacional e ela demonstra alegria cada vez que passa pelo país, afinal, faz algumas paradas em Buenos Aires durante alguns deslocamentos. É fundamental assinalar que o vínculo afetivo não anula a dimensão positiva vivida nos outros locais. A própria relação com o Chile é ressignificada em seu retorno em 1962 para a *Escuela de Verano de la Universidad de Concepción*. Na cidade, fica no hotel *Bio Bio*, elogia a beleza do lugar, menciona o almoço no *City Hotel*, a

assinatura de livros na livraria *El Caribe*, a entrevista concedida ao jornal *El Sur* e a visita à escola nº 74. Reflete sobre a questão dos terremotos frequentes no país que, de uma hora para outra, destroem tudo, e revisa a própria afirmação feita no mês anterior ao dizer que no Chile a população não é pobre, mas empobrecida. Diferente de Santiago, a rotina de bem-estar parece voltar em Concepción, principalmente porque profere na universidade local uma conferência intitulada “América necesita otra Independência” para uma plateia cheia, coroando assim o reconhecimento enquanto intelectual. Ela também assinala que, entre os convidados, é a única negra.

No discurso, aborda temas como a importância da educação, do aumento de salários, do estímulo à população das favelas, do papel central da fraternidade, da cultura, do desarmamento, do combate às catástrofes humanas, da reforma agrária, do papel da mulher na educação das crianças, entre outras questões. Também critica o alto custo de vida das cidades e o descaso com a população pobre. As palavras de Carolina Maria de Jesus colocam o dedo na ferida dos problemas sociais principalmente em âmbito latino-americano. A fala não se embasa apenas nos discursos dos livros, mas carrega as vivências pessoais e coletivas de uma mulher preta periférica que, graças ao alcance de seu livro, viaja pela América Latina e encontra semelhanças nas dificuldades enfrentadas por seus companheiros nos países vizinhos. Ela sabe que se dirige a um público que, pelo lugar de poder que ocupa na sociedade, pode mobilizar transformações e é consciente do alcance que agora sua voz também tem para fomentar o debate sobre os problemas da classe operária, além de propor e reivindicar soluções.

Numa sociedade em que o racismo estrutural insiste em associar sujeitos negros em deslocamento à exploração, dor, objetificação, restrição e interdição, ela demonstra a relevância de romper com esse ciclo, afirmar o pertencimento de corpos pretos aos mais distintos espaços, assegurar seu direito ao trânsito, enegrecer as narrativas de viagem e pensar a América Latina a

partir do diálogo entre aqueles que constituem suas bases socioeconômicas. Marcada por descobertas, reflexões e trocas, a trajetória significa mais do que a promoção do livro de uma escritora brasileira nos países vizinhos. Trata-se da viagem de uma intelectual negra periférica representando o Brasil no Sul Global através de sua presença, ideias e produções artístico-epistemológico-culturais. Assim, desbravar os vestígios de seu percurso através das fontes históricas significa ingressar em um caleidoscópio no qual identidades diversas se alternam e se combinam ininterruptamente, como mulher negra brasileira, viajante curiosa em relação ao que conhece, teórica que reflete sobre os problemas estruturais a partir de uma perspectiva comparada, mãe solo atenta às necessidades dos filhos, escritora e compositora ávida por apresentar suas obras. Acompanhá-la nessas trilhas é compreender as complexidades tanto do mundo de uma intelectual negra quanto de uma intelectual negra no mundo.

Esse ponto final corresponde aos primeiros passos de uma trajetória longa de pesquisa, ainda em andamento, sobre a viagem de Carolina Maria de Jesus por Argentina, Uruguai e Chile. Como uma investigadora negra em trânsito com o objetivo de organizar, sistematizar e analisar os registros dessa turnê, aprendo com a escritora de Quarto de despejo a relevância da circulação de nossos corpos e *corpus* de forma engajada pela região e a afirmação da nossa presença enquanto sujeitos atuantes fundamentais para a melhora de vida de nossa comunidade. Nesse movimento, reivindicamos nosso direito ao deslocamento, trazemos as experiências negras para os relatos de viagem não mais de forma objetificada, mas sim como sujeitos, figuramos como protagonistas de nossas histórias, visibilizamos nossas questões, exigimos respeito e nos empenhamos em resgatar a memória negra para lembrar a potência de nossas presenças, ideias, escritos, individualidades e coletividade. Assim, ao longo do trajeto, podemos descobrir um pouquinho mais da Carolina por América Latina e da América Latina por Carolina.